



## SEÇÃO: EDITORIAL

## Silêncio, pausa, continuidade

**Bernardo José de**
**Moraes Bueno<sup>1</sup>**
[orcid.org/0000-0001-5334-7604](https://orcid.org/0000-0001-5334-7604)  
[bernardo.bueno@pucrs.br](mailto:bernardo.bueno@pucrs.br)
**Ricardo Holsback<sup>1</sup>**
[orcid.org/0000-0002-8851-5943](https://orcid.org/0000-0002-8851-5943)  
[Ricardo.Holsback@edu.pucrs.br](mailto:Ricardo.Holsback@edu.pucrs.br)
**Recebido em:** 12/05/2021.

**Aprovado em:** 01/07/2021.

**Publicado em:** 22/09/2021.

Definir música ou literatura é uma tarefa difícil. As artes escapam das definições, como o toque delicado na tecla que, pianissimo, está no limiar entre som e silêncio. Entendemos o que a música representa, individualmente, socialmente, historicamente. Mas peça uma definição exata e tudo que você vai conseguir é iniciar uma longa discussão.

Os principais elementos da música, de acordo com Bohumil Med (1996) são melodia, harmonia, contraponto e ritmo. Entretanto, se pensarmos em um nível mais amplo, a música existe em uma relação constante entre som e silêncio. Pode-se cair no erro de achar que a música é apenas o som organizado de certa maneira. Mas não se deve esquecer que é, ao mesmo tempo, o silêncio organizado de certa maneira. O som contínuo, sem silêncios, a música sem as pausas, é ruído. Porém, o silêncio é um conceito complexo.

Pense na famosa peça 4'33, de John Cage, na qual o pianista se senta ao piano e não o toca por quatro minutos e meio. Mas, como aponta Alex Ross (2011), durante uma execução de 4'33, o que os ouvintes escutam é a natureza lá fora, o vento, os carros passando, o coração batendo, uma tosse solitária; uma criança chorando na rua, os pássaros, o roçar do tecido quando alguém se ajeita na cadeira do teatro. A peça é tudo, menos silêncio: é uma afirmação de que ele, na verdade, não existe.

Entre em um local com isolamento sonoro (o nome correto é *câmara anecoica*, uma sala sem ecos) e, mesmo lá, você não se livra do som: vai escutar sua respiração e até o próprio coração batendo. Para quem sofre de *tinnitus* (condição em que se escuta um ruído de alta frequência constante e para a qual não há cura), um lugar assim pode ser desesperador.

Como o escritor que busca impressionar os leitores com uma torrente de palavras, confundindo beleza com complexidade, o compositor pode buscar, na sobreposição de sons, uma profundidade que poderia ser transmitida mais facilmente pelo silêncio. Porque o silêncio não é a ausência do som; é um elemento essencial da música. É o espaço entre uma nota e outra da melodia; é a espera da guitarra enquanto não chega a hora do solo; é a pausa entre cada batida na bateria para formar o ritmo.

Na literatura, o silêncio é quase uma condição: lemos em silêncio. A literatura pode ter origem oral, mas a gradual padronização da escrita e o desenvolvimento da imprensa nos condicionaram a ler com o coração,


<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

como descreve Santo Agostinho (2001), surpreso ao ver que o bispo Ambrósio percorria as páginas com os olhos, porém o sentido era absorvido pelo espírito, em silêncio, sem mover os lábios. Tal tendência é equilibrada em tempos modernos por atividades como rádio-dramas (ainda vivos em países como a Inglaterra!), *spoken word poetry* e, mais recentemente, *podcasts* e audiolivros.

Na arquitetura japonesa, o espaço vazio é tão importante quanto a maneira em que as salas são preenchidas. A própria existência do *tokonoma*, um recesso na sala principal, é um exemplo disso, assim como o gosto pelo minimalismo na decoração interior (ver Takeshi, 2005).

A pandemia de 2020 é o nosso trauma compartilhado, uma dor espalhada que afetou a cada um de maneiras diferentes. Uma interrupção no funcionamento do mundo. O trabalho mudou da empresa para o lar. As aulas se tornaram virtuais. A necessidade de contemplar outros paradigmas. Projetos interrompidos ou atrasados, publicações e eventos cancelados. Pausa. As ruas vazias. Silêncio.

Nas palavras de Patti Smith (2016, p. 144), cantora e compositora:

— O que é o nada? — perguntei impetuosamente.  
— É o que você consegue ver dos seus olhos sem um espelho — era a resposta.

Há muito mais no silêncio do que se imagina. Como na pausa musical, o silêncio é o anúncio da continuidade.

## Referências

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 2004.

MED, Bohumil. **Teoria da música**. 4ª ed. Brasília: Musimed, 1996.

ROSS, Alex. **Escuta só: do clássico ao pop**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SMITH, Patti. **Linha M**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

TAKESHI, Nakagawa. **The Japanese House: in space, memory, and language**. Tóquio: International House of Japan, 2005.

---

## Bernardo José de Moraes Bueno

Editor da Revista *Scriptorium*. Professor da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil.

---

## Ricardo Holsback

Graduando em Escrita Criativa na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Bolsista de Apoio Técnico da Revista *Scriptorium*.

---

## Endereço para correspondência

Bernardo José de Moraes Bueno  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Av. Ipiranga, 6.681  
Partenon, 97010-082  
Porto Alegre, RS, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Zeppelini Publishers e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.*